



arauto

1971
Fevereiro
ANO XIII
N.º 64

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: Dr. Tomaz da Rosa

Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores C. Moniz, J. Ferreira, M. Frayó e L. Fraga	Chefe do Núcleo COSTA RITA	Orientador P.º JÚLIO DA ROSA	Administrador JOÃO PIRES
--	-------------------------------	---------------------------------	-----------------------------

Recomeçar...

Uma última página foi retirada ao velho calendário. E eis que surgiu um Ano Novo! No intimo todos nós sentimos que algo se modificou. É um começar que se renova todos os anos nesta mesma altura.

1970. Quantos sonhos inacabados... Quantas aspirações não passaram de

fúteis quimeras? Para uns terá sido, talvez, o ano mais feliz da sua existência, para outros um fracasso rotundo. Mas todos nós, porém, uns mais, outros menos, tivemos a nossa quota de amargura e decepção.

Contudo os momentos felizes que por certo se viveram terão sido já, uma razoável recompensa.

Convém parar um pouco e pensar no ano que passou. O muito que podíamos ter feito e não fizemos! É natural que no fundo sintamos uma sensação de vazio por ter aproveita-

(Conclui na 3.ª página)

Audição de Música Gravada

Integrada no ciclo de actividades do Núcleo de Iniciação Cultural e Artística do Liceu, realizou-se no Sábado, dia 9 de Janeiro, uma audição de Música gravada sob a orientação do prof. Sr. Manuel Gaudêncio.

Compuseram o programa os seguintes trechos: «Côro dos Escravos» de Verdi, Valsa de Tchaikovski, «Copélia» (excertos) de Delibes, «Carmen» (excertos) de Bizet, Aria do «Barbeiro de Sevilha» de Rossini, «Nas Estepes da Ásia Central» de Borodine, «Uma Pequena Noite de Música» de Mozart.

Esta audição é a primeira, duma série que o referido Núcleo pretende levar a efeito ao longo do corrente ano, numa tentativa de motivar os alunos para a Música Clássica.

Nas próximas sessões, que em linhas gerais já se encontram programadas, além de audições musicais,

(Conclui na 3.ª página)

Insistência...

E porque diz o ditado: «Água mole...»

Nos tempos que correm o homem tem, mais do que nunca, necessidade de comunicação. Como meio de transmissão do pensamento, esse dom formidável que é exclusivo do ser humano, mas que infelizmente aparenta não o ser, temos o jornal. No nosso caso, um jornal escolar. De estudantes e para estudantes. Contudo, parece que certos professores do Ensino Particular persistem em ignorar a missão cultural da nossa «folhinha». Não vimos para aqui mostrar-lhes, mesmo porque não temos competência para tal, a vantagem que teríamos nós, jornal, e eles, alunos, se estivéssemos ligados por

O MOVIMENTO Balada em Portugal

Hoje, torna-se frequente a nossa juventude ouvir, cantar e discutir baladas. Pode-se notar ainda que, muitas vezes, as baladas merecem-lhe uma maior atenção e são preferidas às últimas composições estrangeiras.

Nas Universidades continentais, os estudantes pousam os livros e sentam-se nas salas de convívio para escutar atentamente as palavras vigorosas e a música impetuosa de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, P.º Fanhais, etc.

Este movimento musical, de raízes bem populares, foi iniciado pelo homem que continua a ocupar a vanguarda do mesmo — o Dr. José Afonso.

Urbano Tavares Rodrigues, referindo-se a ele, entre outras observações, sublinhou: «... José Afonso é a primeira voz da massa que avança em lume de vaga, é a mais alta crista, é a mais terna faúlha na praia, cólera da poesia, da balada nova. A noite das lágrimas e da raiva. A luminosa gargalhada do povo, o seu suor de sangue nas horas de esforço ingrato e de absurda expiação. O orvalho da esperança...» Após este «trovador», outros surgiram.

Um dos primeiros seguidores (se é que lhe devemos chamar seguidor) de José Afonso foi Adriano Correia de Oliveira, caracte-

(Conclui na 3.ª página)

Anatece

Lá fora, a chuva cai, miudinha e impertinente, perturbando o silêncio, a paz e a quietitude das ruas desertas. Só se houve o leve som, que mais parece uma suave e nostálgica melodia saída do mais profundo de uma alma sofredora.

Esse som faz lembrar suspiros magoados, ou talvez frágeis soluços de um coração saudoso.

(Conclui na 3.ª página)

laços mais fortes dos que presentemente nos unem.

Se a sabedoria dos ditos alunos externos, é de tal grau que nós, pobre jornalista, não merecemos a sua atenção, muito bem.

Mas se tal não acontecer?

Então não compreendemos porque os nossos apelos no sentido de receber colaboração dos Estabelecimentos do Ensino Particular nem uma simples resposta mereceram.

Será porque foram assinados por pessoa que reputam de menos digna e competente?

Se assim foi cá estamos prontos a dar o lugar a quem melhor nos substitua. Mesmo assim, continuamos a pensar que as mais ele-

(Conclui na 3.ª página)

O encanto... "A nossa linha de rumo"

A noite estava fria. Ouvia-se o vento a uivar e o ramalhar das árvores do quintal, já sem folhas. A chuva era abundante e por vezes entrecortada pelo tamborilar melodioso do grânizo nos vidros da janela.

Embrulhei-me num xaile e caminhei até ela.

O poste eléctrico em frente à casa permitia-me ver a terrível magnificência da natureza com os seus elementos revoltos. Era um espectáculo maravilhoso!

A rua estava deserta. A pouco e pouco a iluminação vinda das casas vizinhas cessava. A cidade ia, como no teatro, mudando progressivamente de cenário. Eram agora os seus personagens, essa imensidão de edifícios esganiçados que estavam a ser fustigados por rajadas de chuva.

Com o nariz colado ao vidro eu imaginava... Os edifícios. Os personagens. Quantos queixumes, alegrias e prazeres não teriam eles de dar a conhecer aos seus vizinhos. Quantas personalidades não estariam para além daquelas enormes massas.

Sim, porque eles eram personagens de um cenário chamado «noite».

A «noite» que não é só o repouso, mas o espaço de tempo onde as mais fantásticas personagens se podem tornar reais, para quem quiser idealizá-las...

E elas lá estavam, imóveis e sublimes.

A natureza revolta tinha agora amainado.

Eu cabeceava. Era tempo de ir para a cama. Um pouco triste abandonei o meu posto, pois sabia que de manhã o encanto estaria quebrado e, em contraste, tudo retomaria a sua monotonia.

Ivone 6.º G

Nota da Redacção

A carta que passamos a transcrever na íntegra foi-nos endereçada pelo José de Freitas, ex-redactor do «ARAUTO».

Com esta breve nota pretendemos agradecer ao «Zé» o ter-se lembrado de nós, as *elogiosas* referências feitas ao nosso jornal e frisar alguns pontos da sua missiva.

1.º É no estudo consciente e organizado que está o segredo do triunfo.

Seria bom que *meditassemos* nisto, pusessemos de parte o nosso pseudo-estudo e procurássemos ser estudantes na completa acepção da palavra.

2.º Porque será que a malta do Faial que está a estudar no Continente foge à convivência e amizade que deveria existir entre filhos da mesma ilha e antigos colegas de Liceu?

Muitas poderiam ser as respostas; todavia não nos compete, a nós, dá-las.

Se acaso estes rabiscos chegarem às mãos dum atin-

O vasto mundo, onde deambulam os homens, reduz-se a um oceano sem limites.

Ai caímos, inesperadamente, sem remo nem vela. Possuímos apenas o lenho do barco e o nosso próprio «eu» existente.

Nenhum ser sente tanto como o jovem este limite.

Todavia, somos nós os comandantes desse lenho. E quantas vezes paupérrimos governantes por não atinarmos com essa linha de rumo tão importante para o longo percurso da existência!

Lançamo-nos nesse imenso oceano, a «vida», sem sabermos porque e para que existimos, nem qual a nossa função. Por isso, quando o vento sopra e as águas fortemente agitadas se revoltam, surgem também as dificuldades. É sem dúvida nessa altura que os jovens mais do que ninguém se sentem incapazes de continuar a viagem...

O seu «eu» psíquico enfraquece e eles perdem quase por completo toda a autonomia e vivacidade. Sentem desejo de retroceder. Surge a angústia. Voltar atrás? Mas é tarde.

Porquê? Porque o jovem nem sempre cumpre. Desperdiça inutilmente parte do seu tempo, ora lendo ou assistindo a cenas que em vez de formar deformam, ora sentado com os amigos à mesa do café ou no banco do jardim, absolutamente inerte e inconsciente da sua responsabilidade. Assim perde o rumo à vida...

Se a sociedade está corrompida não te sentirás culpado, em grande parte?

Porque não pensas, jovem, no mundo de amanhã e te preparas para ele não só materialmente, mas também espiritualmente? Porque não traças a tua linha de rumo, o teu plano, o teu objectivo, como uma meta final a atingir?

Lembra-te que o mundo de amanhã só será melhor se tu quiseres, pois ele será formado com a tua quota parte. Medita um pouco no assunto e pensa na maravilha dum mundo onde não houvesse opressores nem oprimidos e onde os interesses sociais sublevassem os individuais. Pensa num mundo equilibrado, justo e sensato em que tu serás um protagonista.

Pereira dos Santos

7.º Ano G

RONDA

Tem sido com prazer espiritual que temos presenciado o bom gosto do nosso Reitor em promover a limpeza e alindamento do reduto do nosso Liceu. Contudo, sentimos a inadvertência da malta, sobretudo das meninas, que ao saírem da porta Sul do edifício novo, calcam, despreocupadamente, o canto do rectângulo de relvado.

Também lamentamos a incorrecção por vezes ocorrida na sala de jogo, bem como o pouco cuidado que dispensam os colegas aos belos jogos, que ali estão à disposição de todos.

Temos notado, igualmente, o incómodo que nos causa a falta de água quente, nos balneários, após os exercícios de ginástica.

gido, o que é pouco provável, gostaríamos de ter uma elucidação.



Recebi o último Arauto de que muito gostei e agradeço. Reconheci com satisfação que, apesar de separado de vós, não me esqueceram. Também recordo com frequência os bons momentos que aí passei e a malta amiga com quem convivi durante a minha permanência na Horta.

Noto, com agrado, que o «Arauto» melhorou sensivelmente na estrutura e apresentação. Isso é já muito positivo, mas acredito que se houver boa vontade e colaboração por parte da malta ainda podem fazer melhor, apesar das limitações a que está sujeita uma publicação dessa natureza.

Por aqui além do frio pouco há para contar. Este ano ando cheio de trabalho pois as cadeiras são tremendas. Continuo porém a acreditar, acima de todos os pessimismos, no estudo consciente e organizado que tenho procurado manter desde o primeiro dia. Vamos a ver que tal me safo.

Tenho visto malta daí, mas noto que, infelizmente, a maioria deles logo que chega cá começa a dar-se ares de importante e afasta-se. É pena que não exista o mesmo clima de amizade e união que por vezes chega a existir aí no Liceu.

Tenho andado com o Fernando Lima que este

(Conclui na 3.ª página)

(Conclusão da 1.ª página)

E as pequenas gotas que continuam a cair são como lágrimas tristes, lágrimas amargas, lágrimas de quem sofre. São lágrimas... e esta palavra, por si só, diz tudo. Significa dor, amargura, desilusão, angústia, desespero, saudade... Significa sofrimento. Qualquer coisa que nos oprime, que nos sufoca, e nos faz verter as pequenas gotas, que são como que um alívio, uma ansiedade satisfeita no meio de tanta mágoa.

Não sei porque me surgem estes pensamentos. Talvez seja da chuva... a chuva que faz recordar tantas coisas!

As sombras envolvem a terra, o Sol já desapareceu e as pequenas gotas continuam a cair, aumentando a tristeza da noite. São as lágrimas incontidas da criança que foi injustamente castigada, do jovem que se encontra sózinho, dos pais

O Movimento Balada

(Conclusão da 1.ª página)

terizado por cantar os poemas de Manuel Alegre, poeta exilado na Argélia. Um dos seus discos mais conhecidos intitula-se «O Canto e as Armas», nome de um dos livros do referido poeta

Uma outra grande figura da balada portuguesa é o P.º Fanhais, apresentando uma «contestação» cristã.

Devemos também citar como baladista de mérito Manuel Freire, que obteve assinalável êxito com «A Pedra Filosofal», um poema de António Gedeão.

Outros nomes como António Macedo, Luis Miguel Cintra, Fausto, entre vários, são também dignos de referência.

O movimento balada no nosso país, tem como principal objectivo a função social. Os poemas entoados contêm, geralmente, críticas à situação injusta das classes menos privilegiadas da nossa sociedade.

M. Frayão

que perdem o seu filho mais querido. São as lágrimas copiosas de todos os que sofrem no mundo: das crianças que morrem de fome em terras longínquas, dos pais que os vêem morrer, e dos que os vêem partir para a guerra.

São as tuas lágrimas, são as lágrimas dos que te deram a vida, as lágrimas dos teus parentes e amigos, do teu semelhante, as lágrimas deste mundo insignificante onde todos nós representamos a comédia ou o drama da vida.

E, perturbando o calmo silêncio da noite, continua a ouvir-se a chuva, que cai, incessante, nas ruas desertas...

Insistência

(Conclusão da 1.ª página)

mentares regras de delicadeza diriam que uma simples resposta era devida.

Perdão, já dissemos que não tivemos nenhuma resposta. É falso. Tivemos uma, e por sinal bastante amável. Só é pena uma coisa: os alunos desse Estabelecimento de Ensino estão ocupados em outras actividades que não lhes deixam tempo disponível para dedicarem um simples artigo ao «Arauto».

Nós compreendemos, os professores de português devem ter uma ódio tremenda às «redacções».

Desculpem-nos já os machámos muito, contudo há umas certas coisinhas que não podemos passar sem dizer. Mas... se não fosse a pobreza do nosso estilo há muitas mais que gostaríamos de dizer.

H. Costa Rita

Audição de Música Gravada

(Conclusão da 1.ª página)

serão ministradas noções básicas de terminologia e crítica musical.

A participação nestas actividades não se confina aos alunos inscritos neste Núcleo, mas é extensiva aos restantes alunos do Liceu e à Escola do Magistério Primário.

F. D.

NOVIDADES BIBLIOGRÁFICAS

Foi recentemente editado e encontra-se à venda na nossa redacção um novo «CAPRICHOS» estilo Corin Tellado.

Narra-nos uma abnegação amorosa, bem difícil de conseguir no nosso tempo.

Daremos um resumo da obra.

O Luis Henrique, rapaz mundano, desportista e engraçado, num Verão cheio de Sol, numa praia (sem areia), namora uma pequena, delgada, cabelo comprido e também engraçada. É a Sãozinha.

Com a chegada do Outono e o começo das aulas essa paixão adormeceu. Começou a avivar-se há pouco tempo. Mas agora é que se dá o enredo. Há um rapaz, simples, solitário e com alma de artista, que há muito amava em silêncio a Sãozinha. É o Bairros (mais conhecido por Santa Maria) vendo que ela vai para os braços doutro ele vence a timidez e fala-lhe, confessa-lhe o seu amor, e como não é correspondido porque ela gosta do outro,

ele, no tal, gesto de abnegação grita a altas vozes:

— Mas eu provar-te-ei que gosto de ti. De hoje para o futuro não falarei com mais nenhuma rapariga.

O final não o podemos contar porque houve alguém que rompeu as últimas folhas do livro; mas pelo que leste até aqui poderás já fazer uma ideia do sofrimento moral daquele pobrezinho que vê ruir à sua volta aquele castelo que ele tão bem havia imaginado.



APELO

—Estamos pensando formar uma sociedade protectora de aves.

É que há algum tempo tem havido uma grande afluência ao quintal do «QUIQUI» para «malhar canários», e nós não achamos bem que isso aconteça até com alunos do 6.º e 7.º anos.

Fica feio apanhar os inocentes passarinhos! Tenham consciência, que já são crescidinhos...

RECOMEÇAR...

(Conclui na 2.ª página)

do mal o precioso tempo da nossa vida

Este ano vamos tentar concluir aquilo que ficou a meio talvez (quem sabe?) por indolência ou falta de espírito de iniciativa.

1971 surgiu cheio de promessas! Vamos tentar explorar o lado positivo que a vida nos oferece e encontrar algo que dê razão de ser à nossa vida. Somos jovens e não podemos ser elementos passivos na sociedade em que vivemos. Há muito para descobrir, muito para realizar.

Que este Ano Novo seja o portador da Paz e do Amor para os que andam em guerra. Da luz para os que vivem nas trevas. Da Felicidade para os que vivem oprimidos pela dor e até pelo desespero.

E para os jovens que ele seja o portador da realiza-

ção de todos os seus ideais, e dum sonho que é comum para todos nós: o aparecimento dum Mundo realmente Novo.

Gabriela - 1.º ano
Magistério

Nota da Redacção

(Conclusão da 2.ª página)

ano está em Lisboa. Apesar de mais evoluído, como é natural, continua a ser um bom amigo, sem peneiras e com quem se aprendem sempre coisas.

É tudo amigos. Se precisarem algo de mim, mandem dizer.

Termino, desejando a toda a malta do «Arauto», desde o Tipógrafo ao sr. Pe. Júlio, um bom Natal e Ano Novo cheio de felicidades.

José Silva

RECORTES

Introdução ao Poema

"Os Cabulíadas"

As sebatas e livros cabulados,
Que desses veteranos doutro tempo,
Por meios nunca dantes explorados,
Passaram além do descaramento,
Em chumbo certo quase afogados,
Mais do que esperavam do ano azarento,
E entre apertos finalmente esperaram
Nova repetição que prepararam.

E também as meninas garbosas
Daqueles dias que vão alimentando
O Amor, preguiça e tardes viciosas,
De dia e de noite andaram passeando,
E aqueles que por festanças ruidosas,
Se vão, da algibeira, mais enterrando:
Cantando espalharei por toda a malta,
A fama da vergonha que lhes falta.

Cessem dos pontos o enunciado,
E cessem as perguntas que eu não sei,
Cale-se no professor e no encarregado
A fama das muitas faltas que dei,
Já canto férias de ano acabado,
O qual reconheço que chumbei,
Cesse o que o pai diz e a mãe canta,
Que outra vida mais livre me encanta.

M. B.

Cine - Académico

Leva a efeito, de vez em quando,
ou na avenida, ou na Praça da
República, o filme:

PRE(N)DAS PARA O SERPA

É a história duma rapariga, que devido à sua fraca base de sustentação cai (em frente ao Nevado, ou em frente à Casa das Casimiras).

Desta vez a Isabel escorregou num sitio qualquer e o Serpa, por ser amável, amparou-a e a prova de agradecimento está à vista.

Todos ao...!!!
É Rir, rir, rir.

Está-se levando à cena, no nosso Liceu, uma peça de teatro.

Ora, como todos sabem além dos actores são necessárias pessoas para as luzes, para o som etc.

Uma dessas funções é a de ponto.

Viu-se que era necessário uma pessoa, magra, enfezada, esquelética e de cabeça pequena, porque o buraco do palco também é pequeno.

Pois a pessoa que reuniu todas essas qualidades, foi o Domingos do 6.º ano. Fazemos votos para que ele consiga passar a cabeça pela boca de cena.

São assim os Estudantes

DICIONÁRIO

Português--Chinês

CONTÍNUO	LIM-PÓ-PÓ
ÁGUA QUENTE	NEM-PÓ-ZÉ
REITORIA	TI-RÓ-PÉ
FILHO	CHÚ-PÓ-PAI
CANÁRIOS	CHINK-À-UM
BALNEÁRIOS	THEN-CHÓ-LÉ
EXAME	LI-CHÓ-ZÉ
CÁBULA	FIM-TÓ-CHUI

Desilusão

És a imagem que procuro
nas bermas despovoadas
da estrada, ao anoitecer...
O silêncio triste e escuro
desta noite sem estrelas,
não terá amanhecer?

O vazio desengano
desta esperança perdida,
é como perfume de beleza rara
que por um acaso insano
anda por aí esquecido
sem qualquer louco magano...

I Maciel
5.º Ano ext.